

JUSTIÇA & CIDADANIA

EDITORIAL


CUIDEMOS NÓS DA AMAZÔNIA

EM FOCO

**AJUSTE DE CURSO NA
RECUPERAÇÃO JUDICIAL É
TEMA DE DÉBATE NO TJRJ**

ARBITRAGEM E MEDIAÇÃO

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DO CBMA REÚNE PRINCIPAIS
ATORES DA ARBITRAGEM**



O CONSEQUENCIALISMO E AS DECISÕES PAUTADAS EM VALORES JURÍDICOS ABSTRATOS

EVANDRO VALADÃO, MINISTRO DO TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO

O JUIZ E A MORTE

JOSÉ RENATO NALINI

Membro do Conselho Editorial

Presidente da Academia Paulista de Letras

Entristeceu-me a notícia da morte do Ministro Ruy Rosado de Aguiar. Conheci-o bem, enquanto ainda Desembargador do TJ do Rio Grande do Sul e diretor da Escola da Magistratura de lá.

Nada a acrescentar à sua erudição, cultura, proficiência como julgador e como educador. Seu currículo é insuficiente para acolher suas inumeráveis qualidades. Acho mais importante ressaltar outros atributos. Aqueles que, lamentavelmente, nem sempre são observados pela Magistratura. Polidez, afabilidade, candura, empatia, sensibilidade, compaixão, fidalguia.



Ministro Ruy Rosado de Aguiar

Como é pobre a personalidade que não consegue conciliar a sofisticação técnica, destino natural de quem estuda, com a simpatia, com a tolerância, com o toque mágico de verdadeiro humanismo. Enfim, com a boa e velha educação de berço, tanta vez sepultada por quem se considera superior a todos os demais.

Isso nunca ocorreu com Ruy Rosado. Conservou-se humilde e atencioso enquanto Ministro. Não se rendeu às pompas e circunstâncias. Tanto que se aposentou muito cedo. Voltou à sua Porto Alegre. Sempre a mesma pessoa. Simples, simpática, sensível. Grande perda para a humanidade, que não tem refil para pessoas assim.

Recorda-me a defesa que Ruy fez perante o STF, no célebre habeas corpus Wandenkolk. Falecera alguns dias antes o Ministro José Júlio de Albuquerque Barros, Barão de Sobral. Observou que no início do julgamento, o magistrado estava na curul do Pretório. À véspera da decisão, "uma intervenção imprevista arrebatou-o ao areópago da justiça".

Pondera que "essa desapareção subitânea de um julgador dentre os julgadores, na hora do julgamento, nos embebe dos sentimentos da igualdade pelo sentimento da morte, mostrando-nos a rapidez, com que, por obra de

um minuto no infinito do tempo, os juízes, da majestade do Pretório, onde julgavam, são transportados ao seio da obscura multidão inumerável, que aguarda a sua sentença no último plenário, à barra do supremo tribunal, o verdadeiro, aquele que não erra".

Ruy Barbosa faz um apelo à humildade dos juízes: "Vosso nome é um nome de empréstimo, um reflexo dessa magistratura invisível, cujo primeiro elo os crentes puseram no céu, os estoicos na consciência, o instinto humano na opinião dos sobreviventes sobre os mortos, dos governados sobre os governantes, dos sentenciados sobre os sentenciadores. Instância passageira na hierarquia desta função soberana, que em vós tem o seu órgão por excelência na terra, julgais hoje sem recursos, para amanhã serdes julgados sem indulgência".

É um contundente chamado à consciência do julgador. Ele não fugirá ao juízo que vale, aquele irrecorrível, insuscetível de meros embargos de declaração. Não é fácil a missão do juiz ético. Daquele que enxerga a tragédia humana em cada processo, ainda que eletrônico.

Ao comparar Justiça e Morte, Ruy Barbosa deixa lição atualíssima para a Magistratura que nem sempre compreende a seriedade de sua missão e se esquece do consequentialismo. Diz ele: "Eu não conheço duas grandezas tão vizinhas pela sua altitude, tão semelhantes pelas suas lições, tão paralelas na sua eternidade, como estas: a justiça e a morte. Ambas tristes e necessárias, ambas amargas e salvadoras, ambas suaves e terríveis, são como dois cimos de névoa e de luz, que se contemplam nas alturas imaculadas do horizonte. Em vão se agitará derredor dessas duas fatalidades inevitáveis tudo o que é mesquinho e efêmero no homem e na aglomeração social: as misérias da baixaza, da ambição e da crueldade, os apetites dos partidos, os cálculos, as irresponsabilidades e os triunfos dos déspotas, as fraquezas, os interesses e as traições dos intérpretes da lei, sacerdotes infieis do seu culto, que a rene-



José Renato Nalini

garam nas crises de provação. Quando muito, lucraram adiar a hora da conta para a hora do desaparecimento, entrar para a expiação pela porta da posteridade".

Experimentado nas lides forenses, o Conselheiro do Império, o Senador da República, aquele que por duas vezes se ofereceu para presidir o Brasil e foi repudiado por um eleitorado inculto, sabia que a Justiça terrena é sempre imprecisa: "Mas uma incerteza indefinível envolve a região destas probabilidades formidáveis; e o tirano que oprime, não sabe a quantos passos está da terra, que sepulta; o demagogo que pede a iniquidade não mede quantas inalações do ar, que ele empesta, o separam da corrupção, que há de decompô-lo; o juiz, que deixa cair na urna inapelável uma esfera ímpia não pressente quantas palpitações do coração o distanciam da reparação infalível".

Conflito que Ruy Rosado de Aguiar não enfrentou, pois homem bom, antes de juiz técnico, produziu a boa justiça e legou às novas gerações o paradigma de como deve ser e se portar aquele que se propõe a ser julgador de seus semelhantes. 